

VISITAS DE PESCADORES ESPORTIVOS AO PANTANAL SUL (BRASIL)

André Steffens Moraes¹

Andrew Fredrick Seidl²

RESUMO – Neste trabalho são registrados os resultados de um levantamento feito por meio de questionário oral a 493 pescadores esportivos, durante a alta temporada de pesca de 1994, no Pantanal. Os visitantes foram questionados sobre aspectos relacionados com custos da sua decisão de lazer, histórico da viagem, razões para escolher o Pantanal como destino turístico e aspectos de sua experiência, além de informação demográfica. As respostas ao questionário indicaram que a pesca esportiva, na parte sul do Pantanal, é realizada por homens de meia-idade, casados e com educação formal e situação econômica superior, em relação ao que é típico no Brasil. Em média, os respondentes já visitaram a região quatro vezes. Realizam viagens de 2.700 km, permanecendo seis dias, gastando US\$ 970,00 e capturando 25 kg de peixes cada um, por viagem, em média. Estima-se um total de US\$ 36.453.340,00 em gastos diretos relacionados com visitas de pesca no sul do Pantanal. A principal razão para o pescador esportivo visitar o Pantanal sul é o ambiente natural único, e não a pesca. Essa informação tem relevância política para o desenvolvimento do turismo regional e para os esforços de marketing, assim como para os objetivos de administração dos recursos naturais do Pantanal.

Palavras-chaves: Pesca esportiva, custos, manejo de recursos naturais.

¹ M.Sc., Economia Rural. Pesquisador, Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal (CPAP/EMBRAPA). Rua 21 de Setembro, 1880, 79320-900, Corumbá, MS, Brasil. E-mail: andre@cpap.embrapa.br.

² Ph.D., Economia Rural. Professor Assistente, Departamento de Economia Agrícola e de Recursos Naturais. Colorado State University, Fort Collins, Co, 80523-1172, USA. E mail: aseidl@agsci.colostate.edu.

INTRODUÇÃO

O Pantanal brasileiro é uma área úmida tropical de 138.000 km², sazonalmente alagada, localizada no centro da América do Sul e faz parte dos 360.000 km² da bacia do alto Paraguai, a qual está formada por terras da Bolívia e do Paraguai, assim como do Brasil. É conhecido como uma área de grande diversidade biológica e com recurso global único. Mais de 650 espécies de aves, 260 de peixes, 80 de mamíferos, 50 de reptéis e 2.000 de plantas têm sido identificadas. Entre as espécies mais conhecidas na região, encontram-se tamanduá-bandeira, onça-pintada, lontra, arara-azul, jacaré, lobinho, tuiuiú, piranha, capivara e onça-parda. As principais atividades econômicas na região são pecuária extensiva, mineração, pesca esportiva, de subsistência e comercial, e, mais recentemente, turismo rural ou ecológico.

A pesca esportiva ou recreativa nos muitos rios da região (Figura 1) proporciona importante fonte de emprego e renda para as pessoas do Pantanal. Mais de 46.000 pescadores esportivos visitaram a parte sul do Pantanal, entre maio de 1994 e abril de 1995, e 72% do peixe desembarcado foi capturado por pescadores esportivos (Catella et al., 1997). Pouco se conhece sobre características e gastos dos pescadores esportivos no Pantanal, razão por que este trabalho objetiva apresentar um perfil desses pescadores, a fim de proporcionar um entendimento básico da indústria, capaz de auxiliar a tomada de decisões por parte dos órgãos públicos de planejamento e de turismo regionais, e uma base para questionamentos mais profundos no futuro. Entender a indústria da pesca esportiva irá ajudar a administrá-la, possibilitando oferecer o máximo benefício às comunidades locais.

METODOLOGIA

Questionários escritos foram oralmente aplicados aos pescadores esportivos do Pantanal, durante um período de três meses, em 1994. Esses meses, agosto, setembro e outubro, constituem o trimestre de maior pressão da pesca esportiva e representam mais de 60% do total de visitas anuais e das capturas em peso (Catella et al., 1996). Os questionários foram aplicados nos Postos de Controle de Pesca da

Polícia Florestal, próximo às cidades de Miranda e Corumbá, no Mato Grosso do Sul, Brasil. Miranda e Corumbá são os destinos mais populares da pesca esportiva no Pantanal sul. No censo publicado por Catella et al. (1966), foi registrado que 47% dos peixes capturados no Pantanal sul, pelos pescadores esportivos, vieram do rio Paraguai (em Corumbá), e 27%, do rio Miranda (em Miranda). Essa informação do censo foi baseada no Sistema de Controle da Pesca do Mato Grosso do Sul (SCPESCA-MS).

A amostragem foi em uma base não-aleatória, “corpo-a-corpo”. Foram questionados aos visitantes sobre custos desse lazer, razões para escolha do Pantanal como destino turístico, e aspectos de sua experiência, além de informação demográfica. As repostas foram analisadas por meio de estatística descritiva tradicional não-paramétrica. No total, 493 questionários úteis foram obtidos desse esforço.

RESULTADOS

Perfil demográfico e motivações para visitar o Pantanal

Dos 493 questionários úteis, 99% foram completados por homens brasileiros que vivem fora do Pantanal. O respondente médio foi um homem de 43 anos de idade, com dois filhos e um salário mensal de cerca de US\$ 4.400. Mais da metade dos respondentes tem grau universitário, enquanto mais de 80% completaram o nível secundário. Somente um respondente estava desacompanhado. Os pescadores esportivos viajam ao Pantanal em grupos de cerca de sete adultos, em média (Tabela 1). Em resumo, de acordo com a amostra, a pesca esportiva no Pantanal é uma atividade realizada em grupos, predominantemente masculinos, mais educados, mais velhos, mais ricos e com uma família menor do que é típico no Brasil como um todo.

Tabela 1 - Demografia dos pescadores esportivos que visitam o sul do Pantanal, 1994

Categoria	Média ou % do total	Desvio padrão
Idade (anos)	43,10	8,63
Renda mensal (US\$)	4.408,30	2.492,40
Homens	99%	
Tamanho do grupo	7,42	5,24
Primário completo (5 anos)	5%	
Primeiro grau completo (8 anos)	6%	
Secundário completo	30%	
Curso superior completo	52%	
Mestrado ou doutorado completo	4%	
Número de familiares acima de 16 anos	2,01	1,79
Número de familiares abaixo de 16 anos	0,95	1,06

Fonte: Dados da pesquisa.

Parece lógico que a principal razão para os pescadores esportivos visitarem o Pantanal esteja diretamente relacionada com a pesca. Enquanto aspectos diretos da pesca esportiva (capturar muitos peixes, peixes grandes ou uma variedade de peixes) foram as razões mais importantes para cerca de 1/3 dos respondentes, 2/3 citaram razões associadas com o turismo ao ar livre, de natureza mais geral. Mais da metade dos respondentes indicaram que a principal razão para visitar o Pantanal foi a qualidade do ambiente natural, enquanto 7% citaram a possibilidade de ver e observar a vida silvestre (Tabela 2).

Tabela 2 - Principais razões para os pescadores esportivos visitarem o sul do Pantanal (n = 483)

Razões	% do total
Qualidade do ambiente (beleza natural, não poluído)	57%
Possibilidade de capturar grandes peixes	14%
Possibilidade de capturar muitas espécies diferentes de peixes	8%
Possibilidade de ver animais silvestres	7%
Possibilidade de capturar muitos peixes, de qualquer tamanho	5%
Proximidade em relação à outras regiões de pesca	3%
Descanso	2%
Conhecer o Pantanal	1%
Proximidade e acessibilidade em relação à região onde vive	< 1%

Fonte: Dados da pesquisa.

Características da viagem

Os respondentes viajaram 1.943 vezes ao Pantanal, para um total cumulativo de mais de 13.000 dias de visita à região. Em média, ele o visitaram 3,9 vezes, com permanência de 26,5 dias. Visitantes com mais de uma visita viajaram ao Pantanal uma média de seis vezes. No ano anterior ao levantamento, o número de visitas foi de 716 (1,5 vez cada um, em média), permanecendo um total de 4.637 dias na região (9,4 dias cada um, em média) (Tabela 3).

Em média, os pescadores esportivos permaneceram 6,3 dias no Pantanal, por viagem (Tabela 3). Catella et al. (1996) registraram uma permanência de 4 a 6 dias por visita de pescador esportivo (mediana de 5). É provável que a amostra a partir da qual a média de 6,3 dias foi derivada e aquela da qual Catella et al. (1996) derivaram a mediana de 5 dias sejam estatisticamente equivalentes pelos padrões convencionais. Entretanto, não foi possível oferecer um teste formal dessa equivalência, em razão da falta de informação publicada no levantamento de Catella et al. (1996).

Tabela 3 - Visitas de pescadores esportivos ao sul do Pantanal, 1994
(n = 493 questionários)

Especificação	Total	Média	Desvio padrão
Total de visitas	1.943	3,94	5,73
Dias de visita	13.069	26,51	47,21
Visitas pela primeira vez	203		
Visitas repetidas	1.740	6,00	6,74
Visitas no ano passado (últimos 12 meses)	716	1,45	1,37
Dias de visita no ano passado	4.637	9,41	11,05
Dias de visita, por visita ao Pantanal*		6,31	1,46

Fonte: Dados da pesquisa.

(*) Tempo no Pantanal, exclusive o tempo de viagem (tipicamente, dois dias).

Aproximadamente, 41% dos respondentes estavam visitando o Pantanal pela primeira vez. Destes, 97% pretendiam retornar ao local; mais de 94% indicaram que pretendiam retornar no próximo ano; e cerca de 15% destes planejavam retornar mais de uma vez no próximo ano.

Os respondentes registraram um gasto total de US\$ 471.191 ou US\$ 970 por pessoa, em visita de pesca ao Pantanal. Os gastos médios por dia foram de US\$ 163, ou US\$ 121, se um dia de viagem para a região é incluído nos cálculos (Tabela 4).

As viagens para pesca no Pantanal, comumente, podem ser compradas como pacotes de viagem nas grandes cidades do Brasil, os quais variam, substancialmente, em custo e em conteúdo. Os gastos com pacotes de viagem são importantes porque, provavelmente, não revertem para a economia local, ao contrário de compras feitas na região. Pouco menos de 1/4 dos respondentes afirmou que comprou algum tipo de pacote de viagem, totalizando US\$ 92.088 ou 20% do gasto total. O preço de um pacote médio foi cerca de US\$ 800. Aqueles que compraram um pacote de viagem gastaram, em média, US\$ 1.046 em sua visita, ou cerca de US\$ 174 por dia no Pantanal. Os gastos dos visitantes que compraram pacotes de viagem totalizam cerca de 26% dos gastos totais gerais (Tabela 4).

Mais de 3/4 dos respondentes não compraram pacotes de viagem. Suas visitas ao Pantanal custaram cerca de US\$ 946, em média, ou US\$ 160, por dia. Em geral, aqueles que compram pacotes de viagem tendem a gastar cerca de US\$ 100 a mais por viagem e quase US\$ 15 a mais por dia, do que aqueles que não os compram (Tabela 4). Os gastos por viagem, para aqueles optantes pela compra do pacote de viagem, foram estatisticamente maiores do que para aqueles que decidiram não comprá-lo; embora os gastos por dia não tenham sido estatisticamente distintos (teste t, $p < 0,05$). Esses resultados podem ser explicados pela variabilidade substancial nos gastos de viagem e pela observação de que os visitantes que compram pacotes de viagem realizam viagens mais longas, em média, do que os que não os compram.

Tabela 4 – Gasto total, diário e por viagem por um pescador esportivo que visita o sul do Pantanal (US\$), com e sem compra de pacote de viagem, 1994

Gastos	Total (% do total)	Média	Desvio padrão
Por viagem	471.191 (100%)	969,53	513,00
Por dia no Pantanal		162,91	94,64
Por dia, inclusive os dias de viagem		120,91	68,02
Pacotes (n = 115)	92.088 (20%)	800,77	347,89
Por viagem, para aqueles que usam pacote	120.280 (26%)	1.045,91	458,58
Por dia, para aqueles que usam pacote		173,53	80,16
Por dia, para aqueles que usam pacote, inclusive os dias de viagem		129,40	58,28
Por viagem, sem compra de pacote	350.911 (74%)	945,85	526,49
Por dia no Pantanal, sem compra de pacote		159,61	98,47
Por dia no Pantanal, sem compra de pacote, incluindo os dias de viagem		118,27	70,56

Fonte: Dados da pesquisa.

Os pescadores esportivos que visitam o Pantanal incorrem, tipicamente, em gastos com barco-hotéis, equipamento, alimentação, aluguel de barcos de alumínio, isca, gelo, combustível para o barco e serviços de piloteiro (guia de pesca). Nem todos os visitantes usam todos esses serviços, visto que alguns dos pacotes de viagem têm alguns ou todos eles incluídos. Quase metade dos visitantes registrou gastos com barco-hotel, os quais foram, em média, US\$ 945 por viagem, ou US\$ 159 por dia, para aqueles que registraram este gasto. Quase 15% dos respondentes registraram gastos com alimentação, que foram de US\$ 76 cada um, por viagem, ou de US\$ 11, por dia. Os custos de aluguel de barco foram registrados por 7% dos respondentes, a uma taxa de US\$ 69, por visitante por viagem, ou US\$ 10, por visitante por dia. Quase 1/5 dos respondentes registraram gastos com isca e gelo, de cerca de US\$ 48 cada um, por viagem, ou de US\$ 7, por dia. Cerca de 1/3 dos respondentes gastaram com equipamento de pesca para viagem, a uma média de US\$ 37 por pessoa, ou US\$ 6 por dia. Os gastos com equipamento de pesca foram altamente variáveis, além de não refletirem gastos atuais no Pantanal, pois muitos pescadores trazem seu próprio equipamento. Gastos com combustível para o barco e com piloteiro foram cerca de US\$ 35 cada, por viagem, registrados por 14% e 12% dos respondentes, respectivamente (Tabela 5).

Tabela 5 - Principais gastos nas viagens dos pescadores esportivos ao sul do Pantanal, exclusive com pacotes de viagem, 1994 (US\$)

Categoria de gastos	Observações (% do total)	Média	Desvio padrão
Barco-hotéis, por visitante	236 (49%)	944,50	234,64
Barco-hotéis, por visitante, por dia	236 (49%)	158,75	47,01
Alimentação, por visitante	74 (15%)	76,24	82,18
Alimentação, por visitante, por dia	74 (15%)	11,23	10,28
Aluguel de barco, por visitante	36 (7%)	69,14	100,80
Aluguel de barco por visitante, por dia	36 (7%)	10,16	14,40
Isca e gelo, por visitante	94 (19%)	47,76	62,45
Isca e gelo por visitante, por dia	94 (19%)	7,22	
Equipamento de pesca, por visitante	158 (33%)	37,07	70,99
Equipamento de pesca por visitante por dia	158 (33%)	6,06	11,87
Combustível para barco, por visitante	68 (14%)	35,63	39,97
Combustível para barco por visitante por dia	68 (14%)	5,45	6,22
Serviço de pilotoeiro, por visitante	56 (12%)	35,32	25,89
Serviço de pilotoeiro, por visitante, por dia	56 (12%)	5,35	4,01

Fonte: Dados da pesquisa.

Em suma, se visitas repetidas representam qualquer indicação de aproveitamento, já que os visitantes pescadores esportivos ao Pantanal parecem aproveitar suas visitas à região. A taxa de retorno à região é impressionante. Os novos visitantes continuam impressionados com suas experiências no Pantanal, indicando que não é meramente em razão de um erro de seleção que as taxas de retorno observadas são tão altas. Os gastos dos pescadores esportivos no Pantanal são muito variáveis e dependem, de alguma forma, do tipo de serviços usados dentro da categoria geral de pesca esportiva. Barcos-hotel sobressaem como opção de alojamento mais cara, por exemplo, e aqueles que compram pacotes de viagem tendem a gastar mais do que os que não compram.

Informação sobre transporte

Parte da experiência da pesca esportiva do Pantanal não é passada nele. O centro populacional mais próximo fica a 400 km e as regiões mais populosas do Brasil ficam a 1.500 km, de forma que viajar ao Pantanal pode ser uma aventura em si mesmo.

Enquanto a distância é considerada entre as características positivas

da região, a viagem ao Pantanal coloca um substancial investimento em tempo ou dinheiro, ou em ambos. Os respondentes viajaram um total de quase 4 milhões de km ou, aproximadamente, 3.000 km por viagem, para visitá-lo. No ano anterior, os respondentes viajaram cerca de 2 milhões de km (2.699 km por viagem), para visitar a região. Em média, os visitantes viajaram 468 km por dia gasto no Pantanal, ou 347 km por dia, incluindo os dias de viagem para a região (Tabela 6).

Tabela 6 - Distância viajada pelos pescadores esportivos para visitar o sul do Pantanal, 1994 (km)

Especificação	Total	Média	Desvio Padrão
Distância total viajada para visitar o Pantanal	3.847.830	2.803 por viagem	648
Distância viajada no ano anterior	1.932.140	2.699 por viagem	645
Distância viajada por visitante, por dia, ao Pantanal		468	163
Distância viajada por dia de viagem, incluindo os dias de viagem		347	98

Fonte: Dados da pesquisa.

Praticamente, todos (96%) os pescadores esportivos vieram dos principais centros populacionais do Sudeste e do Sul do Brasil. Relativamente poucos visitantes (3%) vieram dos estados do Centro-Oeste, onde o Pantanal se localiza, e menos ainda se originaram da região Nordeste (2%) e nenhum veio da região Norte do país.

Mais especificamente, 3/4 de todos os respondentes viajaram do Estado de São Paulo; 12%, do Paraná; 3%, de Minas Gerais; e 2%, de cada um dos Estados de Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e Rio de Janeiro. Quase 1% ou menos dos visitantes viajaram dos estados do Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Ceará, Bahia, Goiás e Distrito Federal. Catella et al. (1996) registraram que 72% dos visitantes vêm de São Paulo; 11%, do Paraná; e 6%, de Minas Gerais.

Os visitantes tem a opção de vir de avião, de ônibus, fretar um ônibus ou avião, ou dirigir seus próprios veículos. Em razão das restrições de dados e dos erros potenciais na interpretação, as respostas foram divididas entre aqueles que chegaram por via aérea (31%) e aqueles que chegaram por via rodoviária (69%), em mais recente viagem à região. O único aeroporto comercial do sul do Pantanal está localizado em Corumbá. Catella et al. (1996) registraram que 32% dos visitantes

vieram via aérea, diretamente para Corumbá, mas somente 12%, quando se considera Corumbá e Miranda juntas. Os dados deste trabalho podem estar viesados com relação aos visitantes de Corumbá.

Os visitantes que chegaram ao Pantanal via rodoviária viajaram 2.718 km, em média, enquanto que os que chegaram via aérea viajaram 2.991 km, ida e volta. Via rodoviária, a viagem dura, em média, 34 h (6 h por dia), a um custo de US\$ 65 (US\$ 0,03 por km, US\$ 11 por dia) versus 4 h (< 1 h por dia), e US\$ 764 (US\$ 0,26 por km, US\$ 132 por dia) via aérea (Tabela 7). As viagens associadas com transporte rodoviário diferem, significativamente, das associadas com transporte aéreo, quanto à distância (por dia e viagem), custo (por viagem, dia e km), e tempo (por viagem e dia), aos níveis convencionais (teste t, $p < 0,05$). Existe troca substancial entre tempo e dinheiro na seleção do modo de viagem para uma visita ao Pantanal.

Tabela 7 - Modo, custo, tempo e distância de viagem para os pescadores esportivos que visitam o sul do Pantanal, 1994

Especificação	Rodoviário (n = 339)		Aéreo (n = 153)		Total (n = 492)	
	Total (% do total)	Média (d.p.)	Total (% do total)	Média (d.p.)	Total (% do total)	Média (d.p.)
Distância/viagem (km)	921.280 (67%)	2.718 (700)	457.560 (33%)	2.991 (466)	1.378.840 (100%)	2.802 (648)
Distância/viagem/dia (km)		453 (179)		501 (114)		468 (163)
Tempo/viagem (h)	10.481 (94%)	34,48 (9,41)	652 (6%)	4,37 (1,82)	11.133 (100%)	24,54 (16,12)
Tempo/viagem/dia (h)		5,69 (2,51)		0,72 (0,29)		4,05 (3,11)
Custo transporte/viagem (US\$)	14.448 (15%)	64,50 (55,79)	80.974 (85%)	764 (157,69)	95.422 (100%)	291,81 (342,91)
Custo de transporte/km (US\$)		0,03 (0,02)		0,26 (0,05)		0,10 (0,11)
Custo transporte/dia no Pantanal (US\$)		10,59 (8,52)		131,85 (39,13)		49,99 (61,45)
Custo de transporte/dia incluindo dias de viagem (US\$)		7,87 (6,31)		48,75 (13,05)		37,00 (44,86)

Fonte: Dados da pesquisa.

d.p. = desvio padrão

Sucesso da pescaria

Embora os pescadores esportivos que visitam o Pantanal não estejam motivados pela expectativa de capturar peixes, esta atividade (em número, peso ou variedade) permanece entre as motivações que os levam à região. Os respondentes forneceram informação sobre seu sucesso na captura de oito espécies de peixes populares. Obviamente, nem todos tentam capturar ou capturam todas as espécies. Entretanto, os dados não permitem distinguir esforço de pesca de sucesso na captura.

A grande maioria dos pescadores captura pacu (*Piaractus mesopotamicus*), pintado/cachara (*Pseudoplatystoma coruscans/P. fasciatum*), piranha (*Pygocentrus nattereri* ou *Serrasalmus* sp), e barbado (*Pimelampus pirinampu*) (respectivamente, 92%, 84%, 84% e 73%). As espécies menos capturadas foram curimbatá (*Prochilodus lineatus*), jaú (*Paulicea luetkeni*), piraputanga (*Brycon microlepis*) e dourado (*Salminus maxillosus*) (respectivamente, 4% 18%, 22% e 22%) (Tabela 8).

Tabela 8 - Peixe desembarcado pelos pescadores esportivos do sul do Pantanal: número, tamanho e proporção, 1994

Espécies	Pescadores		Número de peixes desembarcados		Peso do peixe desembarcado-kg		
	Total (% do total)	Total (% do total)	Média por visitante (d.p.)	Média por visitante/dia (d.p.)	Total (% do total)	Média por visitante (d.p.)	Média por visitante/dia (d.p.)
Total	486 (100%)	41.056 (100%)	11,56 (7,37)	1,93 (1,32)	89.002 (100%)	24,89 (15,11)	4,15 (2,71)
Pintado/ Cachara	409 (84%)	3.009 (7%)	1,11 (0,95)	0,18 (0,16)	15.533 (17%)	5,71 (4,91)	0,95 (0,85)
Dourado	106 (22%)	275 (< 1%)	0,50 (0,27)	0,08 (0,11)	1.194 (1%)	2,05 (2,46)	0,33 (0,41)
Jau	88 (18%)	206 (< 1%)	0,31 (0,27)	0,05 (0,04)	2.877 (3%)	4,28 (3,76)	0,70 (0,60)
Pacu	449 (92%)	17.113 (42%)	4,83 (4,10)	0,81 (0,70)	49.873 (56%)	14,01 (11,82)	2,34 (2,04)
Curimbatá	21 (4%)	438 (1%)	2,39 (5,90)	0,36 (0,84)	25	3,57	0,51
Piranha	409 (84%)	16.208 (39%)	5,55 (5,24)	0,93 (0,92)	11.893 (13%)	4,08 (3,85)	0,68 (0,68)
Piraputanga	106 (22%)	450 (1%)	0,66 (0,79)	0,11 (0,13)	353 (< 1%)	0,56 (0,61)	0,09 (0,11)
Barbado	355 (73%)	3.391 (8%)	1,26 (1,30)	0,21 (0,21)	7.360 (8%)	2,73 (2,77)	0,45 (0,46)

Nota: Os respondentes deram o número ou o peso de sua captura, ou ambos. Um peso médio por espécie foi calculado com base nos dados fornecidos pelos respondentes. Essa média foi usada para estimar a informação que faltou, visto que aqueles respondentes que somente deram uma ou outra medida. No caso do curimbatá, nenhum respondente forneceu uma estimativa do peso e do número de sua captura. Somente um indivíduo forneceu o peso do curimbatá capturado. Assim, não foi possível calcular uma média estimada do peso do curimbatá capturado.

Fonte: Dados da pesquisa.

d.p. = desvio padrão.

Os respondentes capturaram mais de 41 mil peixes (média = 12 por visitante/visita, 2 por visitante/dia), os quais pesavam mais de 89 mil kg (média = 25 kg por visitante/visita, 4 kg por visitante/dia) na

viagem atual. Catella et al. (1996) registraram uma mediana de 20 a 27 kg por visitante/viagem, ou 3,7-6,2 kg por visitante/dia. No estudo, Catella usou uma mediana anual de 22,5 kg por visitante/visita, 4,6 kg por visitante/dia, e 5 dias por visita, enquanto neste trabalho foi usada uma média observada de visitas de 6,3 dias.

As quatro espécies capturadas pela maioria dos visitantes responderam por cerca de 95% do sucesso da pescaria, tanto em relação ao número quanto ao peso do peixe capturado. O pacu respondeu por 42% do peixe capturado e 56% do peso total; a piranha, por 39% do peixe capturado, mas somente 13% do peso total; o pintado/cachara, somente por 7% do peixe capturado, mais 17% do peso total; e o barbado, por 8% do número e do peso total de peixes capturados (Tabela 8). Catella et al. (1996) registraram que o pacu representou 44% do peso do peixe desembarcado pela pesca esportiva; o pintado/cachara, por 22%; a piranha, por 6%; e barbado, por 5%, ou um total de 77% da captura.

Finalmente, com base na informação do levantamento, os respondentes gastaram US\$ 69,87 (d.p. 165,01) por kg, ou US\$ 148,91 (d.p. 331,10), por peixe capturado. Claramente, para a maioria dos visitantes, há mais na experiência da pesca esportiva do que obter uma fonte de proteína adicional para a família.

DISCUSSÃO

Uma vez que as observações parecem suportar os resultados de Catella et al. (1996), pode-se considerar que os resultados são uma amostra relativamente representativa de todos pescadores esportivos que visitaram o sul do Pantanal, de maio de 1994 a abril de 1995. Sendo assim, é apropriado e útil combinar os dados sobre gastos com os dados de visitas de Catella et al. (1996), a fim de obter uma estimativa dos gastos totais dos pescadores esportivos no Pantanal, no período de um ano.

Uma vez que Catella et al. (1996) registraram que 98% das viagens aéreas para o sul do Pantanal se destinaram a Corumbá, usou-se o gasto médio geral (US\$ 969,53) das visitas a Corumbá e incluíram-se as estimativas de gastos via rodoviária dos visitantes pescadores esportivos

fora daquela cidade. Catella et al. (1996) registraram 9.642 visitantes a Corumbá, para pesca esportiva durante o ano. O gasto total de US\$ 9.348.208 pode ser derivado desses visitantes, para um ano. Se for admitido que os outros 36.519 visitantes tenham chegado via rodoviária, o gasto total de US\$ 27.105.132 pode ser calculado para esses visitantes, recalculando os gastos médios por visitante, excluindo viajantes aéreos (US\$ 742,22). O gasto total de US\$ 36.453.340 pode ser considerado uma estimativa grosseira da incorporação financeira direta anual ao sul do Pantanal, pelos visitantes pescadores esportivos. Esse total não é uma estimativa dos lucros da indústria, uma vez que não inclui os custos de operação, também não é o impacto econômico regional da indústria, pois não inclui nem multiplicadores locais nem “fuga” de capital (fundos gastos para compra de bens e serviços oferecidos pela região, mas que nunca atingirão a região; exemplos comuns são a compra de pacotes de viagem em grandes áreas metropolitanas, o que representa 20% do gasto total do levantamento, e a ausência dos proprietários dos empreendimentos turísticos).

CONCLUSÕES

A pesca esportiva ou recreativa representa importante fonte de emprego e renda para os moradores do Pantanal. Mais de 46.000 pescadores esportivos o visitaram, entre maio de 1994 e abril de 1995, respondendo por 72% do pescado desembarcado (Catella et al. 1997). Pouco se conhece das características e gastos dos pescadores esportivos no Pantanal, razão por que é do interesse da indústria e dos governos local e regional conhecer que características de sua clientela e de seus hábitos de lazer se correlacionam mais fortemente com os gastos. Neste trabalho, definiu-se um perfil dos pescadores esportivos que o visitam, a fim de proporcionar um entendimento básico da indústria da pesca esportiva regional.

Este estudo traz ao menos duas questões ao debate sobre o futuro da indústria da pesca esportiva e da política de recursos naturais no sul do Pantanal. Até agora, a indústria da pesca esportiva foi considerada distinta da natureza mais geral da indústria orientada para o turismo na região. Embora o pensamento convencional diz que, quanto melhor a

pesca, mais pescadores estarão dispostos a pagar por ela, este estudo revela que os indivíduos que estão pagando mais e chegam em maior número para pesca esportiva não estão primariamente interessados na captura de peixes. Isso sugere substancial mudança nos tipos de serviços que a indústria da pesca esportiva pode oferecer, perspectivas locais de administração pesqueira, e o grau de competição versus complementaridade que a indústria da pesca esportiva cria com a pesca comercial e de subsistência. Por exemplo, a pesca no Pantanal é, atualmente, proibida por 3 meses (novembro-janeiro), em razão da piracema (época de reprodução dos peixes), de modo que a infraestrutura da pesca esportiva fica inativa nesse período. Essa época coincide com as férias escolares e festas de fim-de-ano, período mais popular para viagens no país. Se a indústria for orientada para proporcionar serviços para turistas voltados à natureza, mesmo se somente na piracema, é de se esperar substanciais retornos com pouco investimento adicional. É necessário reconhecer esse nicho de mercado do turismo ecológico - provavelmente o setor da indústria do turismo que mais cresce - e utilizar a infra-estrutura existente para a pesca esportiva para atender a esse segmento.

Se os pescadores esportivos não estão motivados principalmente para captura peixes, mas antes para contemplar o ambiente natural único do Pantanal, então o principal objetivo da administração pesqueira não deve ser necessariamente produzir mais peixes para pesca esportiva. A administração pesqueira deveria, então, ser integrada à administração pública e privada em nível do ecossistema, a fim de oferecer tipos de serviços e experiências que os visitantes estão interessados em comprar. Além disso, já que os pescadores esportivos não estão principalmente motivados para capturar peixes, o oferecimento de alternativas e experiências preferidas pelos turistas deve não somente aumentar o número de visitantes e a disposição de cada um em pagar mais por sua visita, mas também reduzir a pressão sobre os atuais estoques de peixes, deixando mais para os pescadores comerciais e de subsistência.

AGRADECIMENTO

Agradecemos a Agostinho C. Catella, por sua revisão e pelos comentários úteis de uma versão preliminar deste trabalho. Como de praxe, quaisquer erros de conteúdo e interpretação são de nossa responsabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATELLA, A.C.; PEIXER, J.; PALMEIRA, S. da S. **Sistema de controle da pesca de Mato Grosso do Sul, SCPESCA/MS - I, maio/1994 a abril/1995**. Corumbá, MS: EMBRAPA-CPAP/SEMADES-MS, 1996. 49p. (EMBRAPA-CPAP. Documentos 16).

CATELLA, A. C.; NASCIMENTO, F. L.; MORAES, A. S.; RESENDE, E. K. de; CALHEIROS, D. F.; OLIVEIRA, M. D. de; PALMEIRA, S. da S. In.: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazonia Legal. Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai (Pantanal) - PCBAP. **Diagnóstico dos meios físico e biótico: meio biótico**. Brasília, 1997. v.2, t.3, p.323-400.

